

A crise Econômica de 2008 e seus Impactos no Tráfico de Mulheres no Brasil.1
The 2008 Financial Crises and its Impact on Trafficking in Women in Brazil.*Bianca Nieweglowski Caminha¹**Patrick Andrew Traumann²*

Resumo: De forma geral, a sociedade global funciona por redes de poder, com fatores que à primeira vista não são conectados, mas que afetam uns aos outros, formando a rede de influência que comanda naturalmente. Alguns desses fatores têm baixa visibilidade das pessoas, estes são uma parte significativa na sociedade, que está presente afetando e sendo afetado por diversos mercados. Um desses fatores é o mercado do tráfico de mulheres que se aproveita de uma população já em situação de vulnerabilidade para lucrar em cima dos corpos de pessoas. A sociedade estando interconectada, este mercado é afetado por crises e instabilidades econômicas e políticas. Neste artigo, será analisado como a crise de 2008 interferiu no mercado do tráfico de mulheres.

Palavras-chave: Crise de 2008. Tráfico de mulheres. Rede de poder. Vulnerabilidade.

Abstract: In general, global society works as a power network, with factors that, at first sight, are not connected, but affect each other, forming a network of influence that naturally commands. Some of these factors have low visibility, they are a significant part of society, which is present affecting and being affected by several markets. One of these factors is the Women traffick market. It takes advantage of an already vulnerable population to profit from people's bodies. Since society is interconnected, this market is affected by economic and political crises and instabilities. In this article, it will be analyzed how the 2008 crisis interfered with the women trafficking market.

Keywords: 2008 crisis. Women trafficking. Power network. Vulnerability

Artigo recebido em: 02/07/2021

Artigo aprovado em: 20/08/2021

¹ Relações Internacionais – Centro Universitário Curitiba – biancaminha.n.c@gmail.com

² Orientador, Professor Doutor do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Curitiba (UNICURITIBA), Curitiba, Paraná, Brasil – Lattes <http://lattes.cnpq.br/6477397342345389>. E-mail: andrewtraumann@hotmail.com

Introdução

Neste artigo será discutido como a crise econômica mundial de 2008, pode afetar o mercado do tráfico de mulheres. Este mercado que gera dano ao tecido social, porém com baixa visibilidade das políticas públicas nacionais e internacionais, afeta principalmente mulheres e crianças (82% dos casos em 2018), sendo que no primeiro semestre de 2018 foram relatados 14 casos de mulheres traficadas no Brasil, também vale lembrar que as próprias autoridades confirmam que o número de casos relatados não chega perto do real volume de pessoas traficadas.

1. Como uma crise econômica (crise de 2008) pode causar uma mudança no mercado do tráfico de mulheres com intuito sexual.

Essa relação pode ser considerada subjetiva, pois os dados referentes à quantidade de mulheres traficadas não são próximos do número real, e muitas questões do tráfico de mulheres com intuito sexual são imprecisas. Por isso, este artigo analisará fatores aparentemente distintos porém que se intersectam em diversos pontos, mais especificamente, detalhar o perfil procurado de mulheres para serem traficadas e a população mais atingida pela crise de 2008, e como esses dois fatores se relacionam.

Importante acrescentar que para a análise da crise de 2008, será necessário fazer recortes, para isso delimitamos os estudos da crise aos efeitos que ela causou no Brasil. Este é um artigo científico realizado na cadeira de iniciação científica no Centro Universitário Curitiba realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica, construindo o perfil de mulheres traficadas a partir dos autores Damásio de Jesus e Ansyse Teixeira, e analisando a crise de 2008 delimitada, principalmente, por Aloizio Menezes, Ferreira e Fonseca.

Para estruturar o artigo, inicialmente são definidos os perfis afetados, e na sequência a estabelece como a crise de 2008 afetou a população brasileira. Após revisar esses conceitos e bibliografias, será mostrado como os dados referentes ao tráfico não condizem com a

realidade e por fim a relação entre a crise econômica de 2008 e a variação do tráfico de mulheres.

Por fim, este artigo objetiva inspirar a elaboração de políticas públicas de apoio a esse público vulnerável, como, segundo o que observamos no artigo, tem a vulnerabilidade ampliada em momentos de crise econômica, sujeitando estas pessoas a situações desumanas que desrespeitam suas vidas e sua humanidade.

2. Perfil das Mulheres Traficadas

Neste capítulo, serão analisados diferentes critérios que definem o perfil das vítimas, apresentados ao longo do artigo.

No seguinte trecho por Damásio de Jesus (2009), é analisado o padrão das vítimas mais atingidas pelo tráfico para exploração sexual e algumas causas de acabarem neste mercado, sendo

“O padrão é similar em muitos países: mulheres jovens que procuram trabalhos legítimos são ludibriadas por agentes especializados em tráfico de pessoas. Ao chegarem em um país estranho, seus documentos são “confiscados” e seus movimentos restritos. Mesmo que elas tenham oportunidade, não procuram ajuda por receio de represálias, de serem tratadas como criminosas ou da repatriação. As mulheres são estupradas, agredidas e drogadas pelos seus exploradores.” (Damásio, 2009)

Damásio (2009) sinaliza com outras causas e situações que interferem a escolha das vítimas,

“Muitas mulheres escolhem enfrentar a incerta jornada do tráfico ou da imigração para fugir de maus-tratos e de exploração sexual a que estão submetidas em suas próprias comunidades.

Meninas são vendidas e colocadas à disposição do tráfico porque seus pais não somente querem dinheiro, mas também porque acreditam que elas estarão libertas da pobreza. As estatísticas mundiais mostram que as mulheres e as crianças são as que mais sofrem em situações de crise econômica e de guerra.” (Damásio, 2009)

Pelas explicações do autor, percebe-se que o padrão das vítimas tende a ser mulheres à procura de condições melhores. Percebe-se que estas mulheres são desvalorizadas e criadas para serem submissas, de forma a desincentivar a busca de ajuda quando precisam, pois acreditam que serão punidas e não merecem essa ajuda.

Destaca-se que esses aliciadores priorizam países sofrendo uma crise econômica ou em situação de guerra, por existirem mais pessoas em situação de vulnerabilidade e com pouca visibilidade na sociedade, pois o governo foca no problema mais escancarado. Dessa forma, pode-se adicionar outras situações que causam as mesmas consequências, como crises políticas, situações de emergência ou até descontentamento do povo que se reflete em grandes protestos e atrai a atenção dos jornais.

Teixeira (2016) analisa e qualifica com mais profundidade o perfil das vítimas da exploração sexual,

“... envolvidos no recrutamento de mulheres geralmente em países e regiões mais pobres do globo, buscam as vítimas mais vulneráveis, que se encontram em condições sociais de desigualdade, em áreas pobres e periféricas dos centros urbanos ou em zonas rurais onde há pouco acesso às informações. Os aliciadores aproximam-se das vítimas, muitas vezes através de parentes e amigos. São homens e mulheres de boa aparência, que ostentam poder econômico e possuem alto nível de escolaridade, seduzindo com promessas de melhores condições de vida através de um emprego em outro país, da prostituição lucrativa e até mesmo de casamento com um estrangeiro.

Sendo 83% das vítimas mulheres, a faixa de 18 a 29, com baixa escolaridade e oriundas de condições socioeconômicas carentes, favorecendo a aproximação dos aliciadores com falsas promessas de emprego e oportunidade irreais de dias melhores.

Estas mulheres, são em geral, pobres, vivem em uma realidade desanimadora, baixa escolaridade, algumas já possuem filhos e por serem ainda jovens, nutrem os sonhos e desejos típicos da faixa etária;

mas a maioria traz experiências de violência física e psicológica como estupro, abandono, negligência, maus-tratos, abuso e exploração sexual, muitas vezes na própria família.” (Teixeira, 2016, pag 2).

Como a autora coloca, estas vítimas pertencem a classes sociais já fragilizadas, que comumente sofrem por motivos econômicos e sociais. Elas tendo pouco acesso à educação e a informações, com desejo de melhora da qualidade de vida, tanto sua quanto das pessoas que importam para ela, como família e filhos.

Dessa forma são facilmente manipuladas para acreditar que trabalhar na indústria do sexo, trabalhar em outro país ou entrar em um casamento forçado pode melhorar sua vida. Porém quando chega o momento, se deparam com condições mais degradantes que as que tinham antes.

Observa-se como a família e a saúde emocional dessas mulheres afetam as decisões. A família pode criar um padrão de submissão nessas mulheres, o que as coloca em uma posição de crença que merecem certas agressões e de não procurar ajuda nem se imporem por medo. Também tem a possibilidade de trazer um passado de sofrer com agressões físicas e psicológicas, acreditando que são ações normais. Destaca-se que algumas famílias vendem suas filhas esperando que a vida delas melhore ou acreditando ser a melhor opção para melhorar a situação econômica da família.

Ao relacionar as considerações destes dois autores, constrói-se um padrão bem definido, e que é mais atingido que outros possíveis perfis. A partir das pesquisas de Menezes e Damásio pode se sintetizar que as vítimas mais atingidas são mulheres jovens, de 18 a 29 anos, com baixa escolaridade. Vivem em situação de vulnerabilidade econômica e social, com histórico de vítimas de agressões e pouco empoderamento. Essa situação de vulnerabilidade pode se potencializar se o país onde a vítima mora estiver passando por uma situação de crise, que afeta as classes sociais mais baixas onde essas mulheres se encontram.

3. A Crise de 2008 no Brasil

3.1. A crise de 2008

A bolha no mercado imobiliário estadunidense que deu origem à crise de 2008 se formou quando bancos americanos passaram a oferecer financiamentos imobiliários com juros mais baixos às pessoas com baixa capacidade de honrar estas dívidas. Em um primeiro momento esta ação causou a valorização do mercado imobiliário, pois muitas pessoas e empresas passaram a investir nele acreditando que teriam ganhos financeiros maiores que as aplicações conservadoras. Esta situação é analisada por Aloizio Menezes no seguinte trecho:

“A bolha imobiliária norte-americana, o detonador imediato da crise, se originou na extraordinária valorização real dos imóveis residenciais (85% entre 2001 e 2006), sustentada pela expansão do crédito imobiliário, que, a partir de 2004, foi alimentada principalmente por operações de crédito de longo prazo com pessoas físicas com alto risco de crédito, as chamadas hipotecas de segunda linha” (Menezes, 2009, pág. 28)

Em função dessa situação, muitos investidores passaram a retirar suas ações das bolsas de valores ao redor do mundo. Devido aos empréstimos que não foram pagos, diversos bancos ficaram descapitalizados, pois dependiam das hipotecas de segunda linha. Esse conjunto de situações construiu um cenário onde os investidores queriam receber o preço das ações que tinham no mercado imobiliário, mas nem os bancos nem as empresas tinham os recursos necessários para honrar esta cadeia de credores das hipotecas, devido a alta valorização do mercado e a falta de dinheiro. Dessa forma, diversos bancos e empresas declararam falência, pois chegaram ao ponto de não conseguirem pagar nem os custos para se manterem abertos.

Mesmo com essa situação, o governo estadunidense decidiu não intervir no processo acreditando que o mercado se regularizaria sozinho, o que potencializou a crise. Assim ela

repercutiu por todo o globo, desestabilizando economicamente países por todo o mundo, como Menezes explica na seguinte passagem,

“A crise imobiliária se transforma em crise de crédito, com efeitos desestabilizadores muito mais poderosos e, através da rede capilar que se estabeleceu entre os diversos mercados como parte do processo de globalização financeira, contagia o sistema bancário internacional. Privados do seu combustível crítico – o crédito – e de seu substrato psíquico – a confiança na “mão invisível” – os agentes econômicos se encasularam. A crise financeira transmuta-se em crise econômica global” (Menezes, 2009, pag 29)

Essa crise, apesar de ser mundial, teve efeitos distintos em diferentes países, sendo assim importante analisarmos seus impactos no Brasil.

3.2. Os efeitos da crise no Brasil

Antes da crise estourar, a economia brasileira passava por um momento favorável, situação que se evidencia pela taxa de desemprego, que atingiu números mais baixos se comparada com os anos anteriores, como Ferreira e Fonseca (2014) colocam:

“No Brasil, o mercado de trabalho passava por um momento favorável quando foi atingido pela crise, como se verifica pela taxa de desemprego, que se encontrava em 7,8% na média do terceiro trimestre de 2008 - naquele período, o nível mais baixo desde o início da série calculada com a metodologia atual, iniciada em março de 2002.” (Ferreira e Fonseca, 2014)

Mesmo em um cenário favorável, o Brasil foi atingido significativamente pela crise, porém graças ao nível de regulação de aplicações econômico-financeiras no mercado interno não foi afetado pela crise da mesma forma que outros países. vale ressaltar que a fragilidade econômica brasileira se deve à política de renúncia fiscal, debilitando o orçamento do Estado, de acordo com Istvan Kasznar (2018),

“Naquela época, o Brasil não foi afetado à primeira vista porque tinha atrasado a desregulação de aplicações econômico-financeiras”, diz. O principal problema, res- salta, ocorreu na introdução de renúncias fiscais enquanto outros países reduziram gastos e buscaram austeridade.

Para tentar manter a economia aquecida em meio a crise que tomou proporções mundiais, o governo brasileiro adotou uma série de medidas, como redução de impostos para estimular o consumo, congelou preços de petróleo, subsidia as tarifas de energia elétrica e ampliou as desonerações.

“Embora tenha havido uma política monetária austera e correta, a política fiscal é uma das piores heranças que temos hoje, decorrente de uma forma equivocada de se interpretar e evolução cíclica da economia“ afirma Kasznar. (2018 apud OLIVEIRA, VILELA e MÁXIMO, 2018)

Segundo Kasznar, observa-se que as medidas tomadas foram positivas no curto prazo, porém não foram sustentáveis ao longo de poucos anos e, conforme Gonçalves (2018), atingiram as classes mais frágeis que não tinham como se proteger financeiramente, correndo o risco de aumentar o nível de tensão social.

“A pretexto de querer resolver uma série de problemas que demandam o longo prazo, como a Previdência e o teto de gastos, o que pode ocorrer é um efeito bumerangue, atingindo os segmentos sociais mais vulneráveis. Os ricos estão se protegendo mandando dinheiro para fora, mas as medidas de austeridade vão atingir o pequeno empresário, o burocrata, o trabalhador, o desempregado. Há um risco de aumentar muito mais a tensão social, já que está elevada”, observa Gonçalves. (2018 apud OLIVEIRA, VILELA e MÁXIMO, 2018)

Não apenas ocorreu um aumento do desemprego, como não houve a criação de novos empregos. Neste trecho observa-se que uma classe social foi mais atingida que outras, ao que Ferreira e Fonseca (2014) acrescentam baseados na pesquisa de Cacciamali e Tattei (2010) nos períodos de 1997-1998 e 2008-2009:

“Os resultados mostram que a taxa de inatividade aumentou nos dois períodos para indivíduos menos escolarizados; porém, a intensidade foi maior na crise de 2008-2009, sobretudo para aqueles com fundamental completo. Nos dois períodos, no imediato pós-crise, a taxa de ocupação diminuiu para todos os níveis de escolaridade, mas a queda foi maior para os menos escolarizados”

“Trabalhadores informais, subocupados, com menos tempo de serviço e menor rendimento, tiveram maiores chance de demissão. Acerca das características pessoais, as demissões foram maiores nos extremos da escala de idade - jovens e velhos - em comparação aos adultos; menores níveis de escolaridade aumentaram a probabilidade de demissão; mulheres foram mais atingidas que homens” (Ferreira e Fonseca, 2014)

A parcela da população mais afetada pela crise não inclui somente os segmentos sociais mais vulneráveis e as mulheres, também devemos trazer relevância para aqueles pouco escolarizados, diminuindo sua frequência nos estudos. Em questões de desemprego, a baixa escolaridade também aparece aqui, sendo um fator que aumentou a probabilidade de demissão, mulheres tendiam a ser mais demitidas que homens, trabalhadores em atividades sensíveis aos impactos da crise e pessoas mais jovens ou com mais idade tinham maior probabilidade de serem demitidas.

Assim conclui-se que no Brasil a crise pode não ter aparentado afetar tão fortemente quanto em outros países, pois seus efeitos no curto prazo foram menos intensos em função do estado da economia antes da crise, que estava se desenvolvendo positivamente, e das políticas públicas adotadas pelo governo, que apresentaram bons resultados no curto prazo, e seus efeitos negativos mascarados por se restringirem a um grupo específicos de pessoas mais vulneráveis da sociedade. Por conta destes fatores, os efeitos da crise econômica de 2009 se manifestaram de forma mais clara anos mais tarde.

4. Como a crise de 2008 afetou o mercado do tráfico de mulheres para exploração sexual no Brasil

O objetivo deste capítulo é analisar uma possível relação entre a crise de 2008 e a variação no número de vítimas traficadas para exploração sexual. Essa análise, porém, se analisada apenas com dados oficiais pode não representar a realidade, como Teixeira (2016) coloca,

“Conforme o Relatório Global de 2014, divulgado pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODC), O crime de tráfico de pessoas afeta praticamente todos os continentes. A maioria torna-se vítima em países estrangeiros, mas de 6 em 10 vítimas, cruzaram a fronteira nacional. Entre 2010 e 2012, foram identificadas vítimas de 152 nacionalidades diferentes em 124 países em todo mundo e pelo menos, 510 fluxos. Estes números não são considerados exatos nem representam a realidade, haja vista que tem base em dados oficiais comunicados pelas autoridades nacionais, acredita-se que os números reais são bem mais alarmantes” (Teixeira, 2016, pag 4)

A deficiência dos dados oficiais descrita, somada ao aumento da capacidade de identificação das vítimas ao longo da década de 2010 faz com que os números absolutos de vítimas apresentem crescimento significativo conforme artigo “Países identificam mais vítimas de tráfico e condenam traficantes” publicado no site da ONU News de 2019. Porém este crescimento absoluto não significa crescimento efetivo do tráfico de pessoas, mas sim ser o efeito da subnotificação de casos.

A pesquisa diz que estas conclusões “podem ser resultado do aumento da capacidade de identificação de vítimas ou de um aumento do número de vítimas traficadas. A agência da ONU diz que, nos últimos dez anos, a capacidade das autoridades nacionais para acompanhar fluxos de tráfico de pessoas melhorou em muitas partes do mundo.

O mesmo artigo também válida Menezes ao observar que em 2009 as instituições de controle do tráfico eram escassas, portanto durante a crise os dados eram mais frágeis e irrealistas que atualmente afirmam que “(...)por outro lado, a comunidade internacional também se tem focado no desenvolvimento de padrões para coleta de dados. Em 2009, apenas 26 países tinham instituições para coletar dados sobre casos de tráfico. Em 2018, o número subiu para 65.”

Portanto, a utilização de dados quantitativos oficiais da ONU não seria uma leitura precisa da realidade. Para a tese deste artigo, será necessário utilizar de características menos diretas do tráfico, associando o perfil das vítimas mais traficadas com o perfil de pessoas mais atingidas pela crise de 2008.

Retomando as considerações de Damásio (2009) e de Teixeira (2016), o perfil mais atingido pelo tráfico são as mulheres, jovens com baixa escolaridade e baixa renda. Elas vivem em situação de vulnerabilidade social e econômica, sofrem com preconceitos e terminam por perceber que sua posição de submissão relacionada a gênero e a classe social é normal, o que acaba por se submeter a atividades atípicas e normalmente degradantes para sustentarem a si e sua família.

Ao resgatar o perfil das vítimas mais atingidas pela crise de 2008 no Brasil, vê-se que, de acordo com Ferreira e Fonseca (2014), Kasnar (2018) e Gonçalves (2018), a população mais atingida pelas consequências da crise, como o desemprego, foram as mulheres, nos extremos das idades (jovens e idosas), com baixa escolaridade, em segmentos sociais mais vulneráveis e em atividades mais sensíveis às mudanças do mercado. Este perfil, como já observado, em situação de vulnerabilidade, ao serem demitidas agravam suas condições, fazendo-as tomarem medidas diferentes para conseguirem se manter e manter suas famílias. Ao analisar os perfis de forma mais direta, percebe-se como a população afetada pela crise é o perfil que os grupos que recrutam mulheres para o tráfico procuram.

Mulheres vulneráveis, jovens que precisam de sustento e não veem outra saída. Dessa forma se conclui que é muito provável que pela similaridade dos perfis apresentados, tenha ocorrido um aumento substancial do número de mulheres no mercado do tráfico. Desta

forma, apesar da subnotificação de casos de tráfico pelas causas já apresentadas, podemos concluir que parte do aumento das estatísticas de tráfico de mulheres da última década tenha acontecido por conta da fragilidade econômica e social causada pela crise econômica de 2009.

Conclusão

Dessa forma, percebe-se como o mercado do tráfico de mulheres foi afetado pela crise, e mais importante, evidência que as crises econômicas agravam a realidade destas pessoas de forma distinta, isto é, aprofundam sua situação daquelas em situação de vulnerabilidade. Ao descrever o perfil de mulheres traficadas, a realidade da crise de 2008 e seus impactos no Brasil, este artigo evidenciou que o traficante procura um conjunto de características específicas nas suas vítimas, que coincidem com as da população mais gravemente afetada pela crise econômica de 2008.

Assim, não há como ignorar o fato de que a crise gerou um crescimento na quantidade de vítimas do tráfico no Brasil.

Esta parcela da população, vítima típica do tráfico, é caracterizada por seu estado de extrema vulnerabilidade. Pessoas que, em momentos de desestabilização tem sua realidade, já vulnerável, agravada em níveis perigosos. Suas vidas e sua dignidade humana entrarão em jogo. Nestes casos, essas pessoas deixam os princípios e bem estar de lado, pois a prioridade é a sobrevivência.

Por isso, elas acabam em situações apenas piores e depreciativas, para com seus corpos e mentes. Não é uma situação de liberdade, pois elas são coagidas a se submeter a situações extremas, por pessoas e por fatores externos a elas, pela sociedade e obrigadas a procurar soluções que as fazem apenas sobreviver.

Essas vítimas têm o direito de ter uma vida saudável e de terem sua humanidade respeitada, direito garantido pela Declaração dos Direitos Humanos da ONU.

Nenhuma pessoa deveria se submeter a tais condições por obrigação, a sociedade está longe de viver em liberdade enquanto tiver pessoas nessa situação para sobreviver. As crises econômicas, especialmente as que seguem o perfil da crise de 2008, onde se cria uma bolha numa parte da economia, são de extrema fragilidade. Estas não afetam tão fortemente os criadores da crise, mas sim a base da população, que já vive em situações precárias e apenas agrava.

Com um perfil tão delimitado e bem desenhado, é de extrema facilidade iniciar a criação de políticas públicas para proteger a população que tem essas características. Sendo o Brasil um dos países que assinou a Declaração dos Direitos Humanos, esta realidade demonstra que não está cumprindo com seus compromissos, os direitos de seu povo, ao não procurar protegê-lo de situações além do poder de escolha das pessoas, situações que tiram a liberdade e a qualidade de vida dessa população.

Mesmo com dados incertos, os fatores decisivos, características dessas vítimas, para começar a mudança, já temos. Existem coisas que dificilmente serão controladas, como impedir que uma crise aconteça e controlar o tráfico de pessoas, porque elas envolvem muitos outros fatores e muito poder. Porém ao proteger a população mais atingida, diminui os danos e controla minimamente o sofrimento que muitos passam.

Bibliografia

- DOLCE, J. Brasil ainda é negligente com a exploração e o tráfico de mulheres. 23/09/2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/09/23/brasil-ainda-enegligente-com-a-exploracao-e-o-trafico-de-mulheres>. Acesso em: 20/12/2020.
- DUBARD, C. O que foi a crise de 2008 e como afetou a economia global. 08/05/2020. Disponível em: <https://blog:magnetis.com.br/crise-de-2008/>. Acesso em: 11/11/2020.

ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIME. Global Report on Trafficking in Persons. [S.l.], 2009. Disponível em: [file:///D:/Documentos/trafico%20inter%20de%20mulheres/mandei%20pra%20elas/Global_Report_on_TIP:pdf](file:///D:/Documentos/trafico%20inter%20de%20mulheres/mandei%20pra%20elas/Global_Report_on_TIP.pdf).

ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIME. Relatório Global sobre o Tráfico de Pessoas. [S.l.], 2018. Disponível em: [file:///D:/Documentos/trafico%20inter%20de%20mulheres/mandei%20pra%20elas/TiP_PT:pdf](file:///D:/Documentos/trafico%20inter%20de%20mulheres/mandei%20pra%20elas/TiP_PT.pdf).

FLEURI, A. M. D. S. B. TRÁFICO DE MULHERES PARA FINS DE EXPLORAÇÃO SEXUAL NO BRASIL. 2018. 40 p. Monografia (Curso de Direito) — UniEVANGÉLICA. Disponível em: [:///D:/Documentos/trafico%20inter%20de%20mulheres/mandei%20pra%20elas/Monografia%20-%20Ana%20Maria%20da%20Silva:pdf](:///D:/Documentos/trafico%20inter%20de%20mulheres/mandei%20pra%20elas/Monografia%20-%20Ana%20Maria%20da%20Silva.pdf).

JESUS, D. E. D. Revista Igualdade VII - Estudos - DAMÁSIO EVANGELISTA DE JESUS. 2009. Disponível em: <https://crianca:mppr:mp:br/pagina-589:html>. Acesso em: 15/01/2021.

LACERDA, J. da S. TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES E CRIANÇAS PARA FIM DE EXPLORAÇÃO SEXUAL, À LUZ DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em: https://monografias:brasilecola:uol:com:br/direito/trafico-internacional-mulheres-criancaspara-fim-exploracao-sexual-luz-direitos-humanos:htm#indice_18.

LADEIA, A. C. T. TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES E SEU ENFRENTAMENTO NO ÂMBITO NACIONAL E INTERNACIONAL. 2016. 26 p. Monografia (Direito) — Faculdade Ruy Barbosa. Disponível em: <https://www12:senado:leg:br/institucional/procuradoria/pesquisa/trafico-internacional-de-mulheres-e-seu-enfrentamento-no-ambitonacional-e-internacional>.

MATOS, E. A rota do tráfico de pessoas é a rota do dinheiro. 24/11/2015. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2015/11/cadernos/jornal_da_lei/46531_9-a-rota-do-trafico-e-a-rota-do-dinheiro.html. Acesso em: 20/12/2020.

MÁXIMO, W.; OLIVEIRA, K.; VILELA, P. R. Crise de 2008 resultou em desindustrialização e crise fiscal no Brasil. 15/09/2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-09/crise-de-2008-resultouem-desindustrializacao-e-crise-fiscal-no-brasil>. Acesso em: 15/01/2021.

OLIVEIRA, K. G. de; SOTERO, A. L. E. Tráfico de mulheres para fim de exploração sexual. 01/07/2020. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direitointernacional/trafico-de-mulheres-para-fim-de-exploracao-sexual/>. Acesso em: 11/11/2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Países identificam mais vítimas de tráfico e condenam traficantes. 29/01/2019. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/01/1657422>. Acesso em: 15/01/2021.

BASSIOUNI, C. M. et al. ADDRESSING INTERNATIONAL HUMAN TRAFFICKING IN WOMEN AND CHILDREN FOR COMERCIAL SEXUAL EXPLOITATION IN THE 21ST

CENTURY. *Revue internationale de droit pénal*, Érès, v. 81, n.5, p. 417- 491, 03-04 2010. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-internationale-de-droit-de-penal-2010-3-page-417.htm> A crise Econômica de 2008 e seus Impactos no Tráfico de Mulheres no Brasil.1
The 2008 Financial Crises and its Impact on Trafficking in Women in Brazil.